

A Ginástica como conteúdo das aulas de Educação Física no ensino Fundamental 1 e como possibilidade para combater Preconceitos

Poliane Gaspar de Cerqueira

Colégio Universitário Geraldo Reis- Coluni UFF email: polianecerqueira@id.uff.br

1- Introdução

A ginástica pode ser entendida como uma forma particular de exercitação corporal onde, se abre a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A presença da ginástica no programa de educação física se legitima na medida em que possibilita ao aluno a interpretação subjetiva dos movimentos e a liberdade de vivenciar e recriar as ações corporais (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A ginástica representa, substancialmente, um campo fértil para a compreensão e reflexão sobre as mais variadas relações sociais, pois promove a prática de ações em grupo e contato frequente entre os alunos nos mais diversos exercícios e atividades como “saltar com os companheiros” ou “construir uma pirâmide humana em grupo”. Dessa forma, através da prática da ginástica, concretiza-se a chamada coeducação, entendida particularmente como formas de elaborar ações comuns para ambos os sexos, permitindo um ambiente propício de colaboração mútua e combate ao sexismo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Para Darido & Rangel (2005) a ginástica é um conteúdo histórico que necessita ser contextualizado e ressignificado na escola, pois tem nas suas origens a própria origem da Educação Física Escolar. Os modelos ginásticos europeus, implantados em nosso país, tinham um caráter utilitarista e disciplinador e foram ministrados de modo a controlar e padronizar corpos dentro das instituições escolares. Discutir, problematizar e refletir sobre as múltiplas facetas que a ginástica recebeu ao longo da história é uma forma de promover a conscientização e emancipação dos alunos como sujeitos críticos autônomos, através da ampliação de sua compreensão da realidade social e histórica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a escola possui o papel de investir na superação da discriminação e tornar conhecida a riqueza cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro. Para isso a Educação Física escolar deve ser capaz de abordar a diversidade cultural presente na sociedade brasileira

O presente estudo tem como objetivo discutir a ginástica enquanto conteúdo das aulas de educação física para o ensino fundamental 1 e como possibilidade pra combater preconceitos e atitudes discriminatórias.

2- Metodologia

Trata-se de uma pesquisa-ação, de caráter qualitativo, realizada nas aulas de Educação Física das turmas do fundamental 1 do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI UFF).

A pesquisa possui a proposta de trabalhar a ginástica enquanto conteúdo das aulas de educação física do ensino fundamental 1 com o objetivo de ofertar a vivência deste componente da cultura corporal em um contexto crítico e reflexivo e como estratégia e ponto de partida para discutir, problematizar e combater preconceitos.

Utilizaremos os encaminhamentos didáticos sugeridos por Neira e Nunes (2009, apud BARBOSA E NUNES, 2014) que são a problematização, a resignificação e a ampliação da cultura corporal.

3- Breve Histórico

Na idade contemporânea surgem as primeiras sistematizações dos exercícios físicos/ginástica, e também as bases fundamentais da Educação Física atual e da educação pública estatal universal (DARIDO e RANGEL, 2005).

A educação pública no Brasil foi influenciada pela educação francesa e os modelos ginásticos europeus influenciaram o contexto das práticas corporais. Por intermédio de Rui Barbosa, o método sueco foi considerado o mais apropriado para ser inserido nas escolas brasileiras, em função do seu caráter educacional, porém o método francês foi mais difundido, sendo oficialmente implantado nas escolas (DARIDO e RANGEL, 2005).

A Educação Física possui em suas origens relações com as práticas militares e médicas e esteve atrelada, durante muito tempo, aos mecanismos de manutenção do status quo vigente na história brasileira. A prática como a reflexão teórica no campo da Educação Física restringiam os conceitos de corpo e movimento — fundamentos de seu trabalho — aos seus aspectos fisiológicos e técnicos. Atualmente, a análise crítica e a busca de superação dessa concepção apontam a necessidade de que, além daqueles, se considere também as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos (PCNS, 1998).

De acordo com o Coletivo de Autores (1992) a Educação Física possui como objeto de estudo a expressão corporal como linguagem e é responsável por tematizar formas de atividades corporais expressivas como: jogo, esporte, dança e ginástica.

4- Preconceito e Exclusão nas aulas de Educação Física

Historicamente excludente, elitista, seletiva e excludente, a prática pedagógica da Educação Física durante muito tempo legitimou discursos e paradigmas que sustentavam diversos tipos de preconceitos. Atualmente, em uma visão mais progressista, as aulas de educação física constituem um espaço ímpar para se discutir, refletir e combater preconceitos que permeiam a sociedade.

Partindo da ideia de que o preconceito é o ponto de partida para que surjam e se consolidem toda e qualquer tipo de exclusão e violência e que a função social do currículo apresentado pela escola é desenvolver a reflexão do aluno sobre a realidade social (COLETIVO DE AUTORES, 1992), acreditamos que a ginástica constitui um caminho para o combate ao preconceito, pelo amplo leque de possibilidade que se abre ao utilizar o conteúdo nas aulas, permitindo a discussão de questões relacionadas ao sexismo, gênero, machismo e diferenças nas habilidades motoras e capacidades.

Em relação à participação feminina, a discriminação contra as mulheres na prática de atividades corporais data dos Jogos Olímpicos da antiga Grécia. As mulheres eram proibidas de participar ou até mesmo de assistir competições (DARIDO & RANGEL, 2005).

No âmbito da Educação Física, questões relacionadas à discriminação e preconceito devem estar sempre presentes no currículo como uma possibilidade de problematização dos discursos que entremeiam as práticas corporais, buscando alcançar um ambiente inclusivo e democrático (NEIRA; BONETTO, 2017).

Durante as aulas de Educação Física muitos preconceitos e estigmas são exteriorizados e realçados, pois a vivência corporal é um ambiente propício para que se exponham as mais diversas emoções e sentimentos. O preconceito assume diferentes formas e representações, podendo estar presente na forma verbal, em forma de simbolismos e gestos corporais de meninos e meninas. Está presente em todas as esferas da vida em sociedade e constitui um mecanismo poderoso e de eficaz reprodução, e muitas vezes o preconceito é apropriado sem saber o real motivo para este julgamento negativo prévio.

Os preconceitos podem ser de diversas espécies, de gênero, raça, orientação sexual, classe social, religioso etc. De acordo com os PCNs

(1998) as intervenções didáticas podem propiciar experiências de respeito às diferenças e de intercâmbio entre os alunos.

A Educação Física deve ser concebida para atender a uma sociedade multicultural e diversa e é de suma importância que, as aulas, sejam um espaço de reflexão sobre discursos preconceituosos e discriminatórios que se relacionam a certas práticas corporais (NEIRA; BONETTO, 2017).

Sobre o papel da escola, Darido (2012) defende que a escola seja um local de diálogo, em que os alunos possam aprender a conviver, valendo-se das experiências de sua própria cultura e das diferentes formas de expressão cultural. Para a autora é importante tratar da questão da desigualdade social como um problema grave no contexto nacional, principalmente no que diz respeito às desigualdades no acesso à educação e cultura.

Durante muito tempo o currículo escolar enfatizou a competitividade, a produtividade e eficiência como atributos curriculares. O principal idealizador desse currículo foi Bobity (1918), influenciado pelos estudos tayloristas de administração (SILVA, 2004). Posteriormente, com as teorias críticas, o currículo passou a ser compreendido com instrumento de dominação, subordinação e agente reprodutor de relações desiguais. Já nas teorias pós críticas estão centrados os estudos culturais, e as discussões sobre diversidade e diferenças. O currículo é encarado como um campo de poder (SILVA, 2004).

A questão de gênero que envolve a prática da ginástica permite uma ampla discussão sobre a participação feminina não só nos esportes, como também nos cenários social, político e econômico (DARIDO, 2012). Para além, permite discutir o papel que historicamente está reservado para a mulher na organização familiar e os efeitos desta construção social.

O termo “ginástica”, por si só, já é carregado de preconceitos e estereótipos, pois os alunos julgam a ginástica como atividade restrita ao gênero feminino. As aulas devem ser um espaço constante de problematização sobre os discursos que estão arraigados e muitas vezes são promotores de exclusão e violência. O tema ginástica possui potencial para ampliar e ressignificar conceitos, promovendo o respeito e a valorização das diferenças.

5- A ginástica como conteúdo nas aulas de educação física do ensino fundamental 1 do colégio universitário Geraldo Reis (COLUNI UFF)

A proposta de trabalhar a ginástica nas aulas de educação física do ensino fundamental 1 tem como objetivo ofertar a vivência deste componente da cultura corporal em um contexto crítico e reflexivo e como estratégia e ponto de partida para discutir, problematizar e combater preconceitos através da ressignificação de discursos e ampliação da cultura corporal, , encaminhamentos didáticos sugeridos por Neira e Nunes (2009, apud BARBOSA E NUNES, 2014).

Ao trazer o tema para as turmas, a reação inicial foi carregada de preconceitos e estereótipos: “a ginástica é coisa de menina”, “homem não faz ginástica” entre outros discursos que surgiram. Utilizamos alguns dos discursos apresentados para problematizar e refletir sobre as questões apresentadas.

No primeiro momento, trouxe imagens de diferentes modalidades de ginástica e representações gminicas que existiam em nossa sociedade e pedi que pesquisassem sobre o tema e realizassem uma entrevista com os familiares, perguntando se praticavam algum tipo de ginástica.

Os alunos pesquisaram e na segunda aula discutimos sobre os tipo de ginástica existentes. Ao final, decidimos trabalhar em nossas aulas com 4 tipos de ginástica: Ginástica Geral, Ginástica Rítmica, Ginástica artística e Ginástica Acrobática.

Iniciamos com atividades que envolvessem os movimentos de andar, correr, saltar e lançar dentro de um contexto lúdico e participativo.

A resistência inicial ao tema deu lugar à motivação e certo encantamento com as atividades propostas. Os alunos gostaram de vivenciar diferentes movimentos e perceber seus avanços durante as aulas. Diariamente surgem diversos preconceitos que eram problematizados, discutidos e ressignificados. Os preconceitos e estigmas mais recorrentes foram os relativos ao gênero, sexismo e machismo e diferenças nas habilidades motoras.

A vivência da ginástica no contexto escolar tem proporcionado valiosas vivências individuais e coletivas e possibilita enriquecedoras discussões durante a prática pedagógica. Utilizamos as rodas de conversa diariamente como um espaço de discussão e reflexão. No início a participação dos alunos durante este momento era tímida e somente poucos estavam realmente contribuindo ativamente. Porém com o desenvolvimento do trabalho, gradativamente os alunos reconheceram esse espaço

como um importante canal para expressar suas ideias e inquietações.

6- Resultado nas análises iniciais

A ginástica apresenta-se como uma possibilidade interessante de aproximar e estreitar os laços afetivos e sociais entre os alunos, já que a maioria das atividades são realizadas em grupos menores ou maiores ou grandes grupos e não há traços de competição durante as propostas. Trabalhamos com a coletividade em todos os momentos e a diferença está sendo sensível no avanço e desenvolvimento das relações sociais.

Pretendemos continuar avançando na construção de uma prática pedagógica cada vez mais inclusiva e democrática e que seja capaz de promover o respeito às diferenças.

Em consonância com Darido e Rangel (2005) a ginástica escolar, como um dos conteúdos da Educação Física escolar, deve oportunizar o conhecimento necessário para a compreensão do modelo de ginástica atual, promover a autonomia, a utilização de espaços públicos e a busca de alternativas para se movimentar.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BARBOSA, C. H. G.; NUNES, M. L. F. **A prática pedagógica de um currículo cultural de Educação Física**. 2014

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1992.

DARIDO (ORG.). **Educação Física e temas transversais na Escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

NEIRA, M. G.; P. X. R. BONETTO. **Multiculturalismo: polissemia e perspectivas na Educação e educação Física**. 2017

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.